

A filantropia oficial

lomentando a mendicância para sustento dum parasitismo daninho e regalo da caridade luxuosa dos burgueses

PORTO, 12.—Um número sensacional do programa a cumprir pelo chefe do distrito estava na vontade inabalável de pôr cobro à pedicância profissional.

Cadastrava os verdadeiros pedintes, expulsava do burgo os que fossem de naturalidade estrangeira e aos da terra esforçava-se por encaixá-los nas casas de caridade existentes.

Para este filantropista *desideratum*, sua ex.ª aguardou o resultado das circulares-pedintes que enviou às pessoas mais gradadas desta cidade de virgem e que logo de entrada constituíram uma elegante incoerência à sua obra, ao seu desejo de «acabar com a miséria lúgubre da pobreza».

A pesar do «filantropofago» sr. Manuel Pinto de Azevedo ter prometido que todos os meses arrancaria ao esforço dos operários que feneçam nas suas fábricas de tecidos, um conto de réis, a fim de os brindar à manutenção da mendicância, parece-nos que o pedinteiro que o ilustre sr. Eduardo Sarsfield fez às criaturas ricas da capital do norte, não surtiu aqueles efeitos salutemente lisonjeiros que previu.

Como a solução que funcionava dar ao problema da penúria não era inédita, visto que era um flagrante plágio à inspiração de outros seus predecessores, nós logo calculamos que a essa solução estava reservado o tradicional fracasso. Mais: previmos que o pauperismo se agravasse.

E de facto, decorrido quase um mês do jornalístico reclame contra a pedicância vagabunda, nós observamos que os mendicantes cresceram em número e refinaram em impertinência.

A dar-se uma rigorosa vassourada nos esmóntos, o Porto tinha que ficar: ou quase todo deserto, ou quase todo encurralado nos estabelecimentos de beneficência, se houvesse quantidade suficiente para o comportar.

O resultado dos vagâmes destes altruistas intermitentes, oferecem-nos sempre estas jóias de consolação ao invés.

Não há dúvida que nesta renda de pedir há «uma espécie de parasitismo daninho», há «muita exploração». Essas «pessoas que se habituam à pedicância pública e que utilizam para os seus fins explorativos crianças de tenra idade, expondo-as de noite às intempéries do frio e da chuva, transformando esses pobres seres em «minas» rendosas e lucrativas» vão beber o exemplo a outras fontes mais aristocráticas e piedosas.

Exemplos: de porta em porta, e furtivamente, dando galantes meninas a esmolar, ou para o sagrado coração de Jesus ou para as obras meritórias das filhas de Maria Santíssima. Na mesma faina de especulação indigente, dando intrusos de diferentes confrarias a mendigar óculos para o Santíssimo Sacramento. E agora, já não menos exigem a histórica caixa de rapé...

Nas igrejas, sumptuosas de dourados, de pratas, de ricas telas, molduras, franjas e luzes, segue-se a mesma mania de pedir aos devotos dinheiro, muito dinheiro, para as prodigalidades do clericalismo orgiaco.

Do fundo da rua do Heroísmo, está lá uma capela estaleada que só à sua conta... conta à porta com umas cinco caixas de esmolas, pedindo ao viandante que se lembre da situação alitiva de diversos santos de pau que ornão o interior da dita capela.

Na rua, não raro somos importunados por gentis donzelas a levar-nos, com um meigo sorriso e um pé de violeta sensual e delicadamente colocado por mãos de fada na lapela, umas notas enesbadas do falsificador Banco de Portugal—tudo para auxílio, para benefício das casas dos pobres... E no entanto...

E no entanto, sabe-se que nessas casas de beneficência o tratamento dos internos deixa muito a desejar; e no entanto, sabemos também que há dias um avô chorou ao ouvir a narrativa dum filho neto acerca do péssimo regime de alimentação que se adopta no hospício onde está recolhido. Para essa casa de assistência, entram, sim, bons alimentos. Mas eles desviam-se por outros lados, visto que jamais aparecem no refectório das educandas.

A completar o vasto quadro, salta-nos agora de lá a radicalista Junta de Sé a pedir-nos, insistentemente, dinheiro para a compra do tal relógio da Catedral. E aos imperitinentes rogos esmóntos da Junta Radical da Sé... juntam-se todos os detritos conservadores, jesuítas, a aplaudirem a necessidade de todos nós depositarmos a bolsa nas sagradas mãos dos membros da Junta, sem o que, adeus relógio da Catedral, adeus carillão da Catedral a animar os corucheados da torre secular.

Ora se, além da mendicância continua dos asilos, das escolas, das cruces—as Juntas de Paróquia, as Câmaras Municipais, os governos civis, as polícias administrativas, as alfândegas, a Fazenda, enfim, o Estado nos seus múltiplos aspectos, são os maiores pedintes da daninhamente parasitária, a cruelmente explorarem, com os seus ininterruptos pedidos de constantes encargos, o povo produtor—como é que o antigo governador civil do Funchal quer exterminar a indigência, se ela até está radcada nos próprios fundamentos desta sociedade de capitalistas abutres, no próprio âmago dos poderes constituídos?

Já que se trata de pedir, o que tudo isto está a pedir é... uma valente trepa em todos os asfálticos filantropistas e uma remodelação, de *fund-en-comble*, de toda esta caranguejola política, económica e social. E para isto, pedimos ao povo que sofre que ganhe um pouco de juízo e se liberte...

C. V. S.

A organização sindical das mulheres inglesas

O comité especial da Federação dos Sindicatos Ingleses anda empenhado numa campanha preparatória da próxima Conferência Sindical que se efectuará na cidade de Manchester. O motivo desta Conferência consiste principalmente em se acordar mais eficazes processos de propaganda e organização, por meio dum acção constante de diversos grupos locais, e tendo em vista a atracção da mulher trabalhadora para os sindicatos profissionais.

Neste Conferência deverão estar representadas todas as organizações sindicais independentes de que participam mulheres e as organizações de mulheres que tenham afinidades com o sindicalismo.

A propósito, Walter Citrine, secretário geral da Federação dos Sindicatos Britânicos, declarou numa entrevista que em 1913 havia organizadas nesta Federação 433.000 mulheres, num efectivo de 4.135.000 operários sindicados. Em 1924 existiam 811.000 mulheres a participarem do efectivo de 5.531.000 operários sindicados. A pesar das oscilações continuas, o número de mulheres sindicadas eleva-se hoje ao dobro do que se registava antes da guerra.

A organização das mulheres nas diversas indústrias divide-se assim: agricultura, 10%; minas, 37; sidero-metalurgia, 7,2; construção mecânica e naval, 3; tecidos de algodão, 62,4; lanifícios, 21,7; peles e couros, 7,1; calçado, 48,2; vestuário, 13,8; alimentação, 2; artes gráficas e papelarias, 35,9; caminhos de ferro, 19,5; empresas de transportes, 85,7.

Outras estatísticas mostram o que as mulheres têm obtido em matéria de salários. Antes da sua organização sindical, as operárias auferiam um salário muito oscilante, entre 7 e 17 chelines por semana. Actualmente os salários vão de 25 a 35 chelines semanais. Outras as operárias trabalhavam 50 a 60 horas semanais, ao passo que nos nossos dias não vão além de 48 horas por semana a duração do trabalho feminino.

A assembleia geral da Sociedade das Nações

Começa a reconhecer-se a sua inutilidade

PARIS, 12.—Sobre o difícil papel que o sr. Briand tem a desempenhar em Ginebra, o sr. Romier escreve na secção política do *Figaro*:

«A Sociedade das Nações corre um grande perigo, pois o que nela se está passando nada cria, mas pelo contrário divide os seus membros, o que não corresponde às necessidades do mundo moderno».

O *Journal Industrielle* demonstra que o êxito ou o insucesso do sr. Briand ultrapassa largamente o campo da questão pessoal a que os políticos incorrigíveis o queriam levar, para tirar conclusões sobre o futuro do ministério.

Sombrio horizonte

GENEVA, 12.—O horizonte da Sociedade das Nações continua bastante obscuro, em virtude de todos os países candidatos aos lugares permanentes do conselho executivo manterem os seus respectivos pontos de vista. O sr. Briand declarou, porém, ao enviado especial de *Le Matin* que espera amanhã começar vendo um pouco mais claro na perfeita nebulosa em que se acham envolvidas todas as negociações.

Intrigas políticas

VARSÓVIA, 12.—Os jornais demonstram a impossibilidade da Polónia fazer questão do lugar de membro permanente do Conselho Executivo da Sociedade das Nações, em virtude de dar lugar a altas intrigas políticas internacionais.

MALAS POSTAIS

Foi adiada para hoje a expedição de malas postais pelo paquete «S. Miguel» para as ilhas da Madeira e Açores.

Neste paquete seguem malas do correio para a África Oriental (via Funchal e Cabo de Boa Esperança). Do Cais de Santos recebe-se correspondência até às 9,45 mediante o pagamento de 20 centavos por objecto. Também por Espanha e Gibraltar se expedem malas postais para a ilha de Timor, sendo a última tiragem às 17,40.

«A BATALHA» no Funchal vende-se No Bureau de La Presse.

Coliseu dos Recreios

HOJE
A mais sensacional e a mais importante estreia de todos os tempos e de toda a parte

Scarha-Bey

Fascinador, mago e feiticeiro
FAKIR

O maior exemplo da vontade e potencia mental
Assombrosas e sobrenaturais experiências

Enterrado em campa aberta
O enforcamento—O corpo em chamas

Fascinação de animais só pelo olhar

Ondas electro-magnéticas
EM PLENO MISTÉRIO

Preenchem o programa todas as atracções da

Grande Companhia de Circo

Teatro Maria Vitória

Colossal triunfo com a célebre revista

FOOT-BALL

ENCHENTES SUCESSIVAS

Preços populares — Geral 4\$00

Estão rigorosamente suspensas as entradas de favor

A OBRA DE UM ALTO COMISSARIO

Azevedo Coutinho, assinando um «modus vivendi» para o fornecimento de mão de obra indígena a São Tomé, atentou contra os interesses de Moçambique, não acatando os votos da população

Veio o governo, em nota oficiosa, tornar pública que o conselho de ministros havia aprovado o «modus vivendi» elaborado entre os governos das províncias de Moçambique e São Tomé e Príncipe, acerca de fornecimento de mão de obra indígena para as roças desta última colónia; e fazendo-o, esclareceu que desse instrumento fazem parte:

- 1.º O repatriamento obrigatório;
- 2.º O salário mensal de 50\$00;
- 3.º Aplicação das cláusulas de «modus vivendi» aos indígenas moçambicanos que nas roças actualmente se encontrem, à medida que forem terminando os contratos existentes.

Ora, antes de entrarmos propriamente na análise crítica deste documento, convém, para boa compreensão do assunto e para se avaliar em toda a extensão o crime cometido por Azevedo Coutinho, fazer a história progressiva da emigração para as ilhas do Equador.

Fez-se durante alguns anos e até fins de 1921, o fornecimento de indígenas de Moçambique para as roças de São Tomé e Príncipe; Brito Camacho, porém, entendendo que tal emigração era prejudicial aos interesses da Colónia que governava proibiu-a, por decreto n.º 163, de 17 de Dezembro de 1921.

Parte da imprensa manifestou-se contra este decreto, alegando que, uma vez que para o Rand continuava o êxodo dos indígenas moçambicanos, com muito maior razão se deveria permitir a emigração para São Tomé, uma colónia portuguesa.

Manteve-se, porém, o decreto 163, e, com Azevedo Coutinho no alto comissariado de Moçambique, a esta província foi enviado um delegado pago pelos agricultores de São Tomé embora nomeado pelo ministro das Colónias, a fim de negociar um «modus vivendi» de fornecimento de mão de obra indígena para as respectivas roças.

Dividiu-se a opinião da imprensa de Lourenço Marques. Queriam uns que a emigração fosse permitida enquanto se não soubesse a que se faz para as minas do Transvaal; alegavam outros que, tendo Moçambique escassez de braços para as exigências locais, o Alto Comissário não devia revogar o disposto no decreto 163.

Iam, porém, falar as estações oficiais. O director efectivo dos Serviços e Negócios Indígenas, intransigentemente se manifestava contra a emigração para São Tomé, alegando motivos de peso. Ouvido o Conselho de Higiene, este, por unanimidade, afirmou ser um crime tal emigração.

Apareceram números. Para São Tomé tinham emigrado cerca de 50.000 pretos e, somados os que tinham regressado com os que estavam trabalhando nas roças, dera-se pela falta de quase 20.000 indígenas que tinham morrido ou eram conservados escravizados.

O Conselho de Higiene manifestara que Moçambique não era tão rica de homens que, em poucos anos, pudesse sacrificar milhares dos seus braços mais viris; e o seu parecer fundamentado, com os números de desaparecidos, causou profunda sensação.

Reuniu em seguida o Conselho Executivo da Província, sob a presidência do Alto Comissário Azevedo Coutinho. Discutido o assunto, esse conselho, também por unanimidade, votou contra a emigração para São Tomé, não só porque a colónia não podia dispensar braços que não chegavam para as exigências do território, mas ainda porque seria criminoso mandar para o acougue de São Tomé indígenas que *desapareciam* lá, aos milhares—envolvendo, portanto, o seu voto, este duplo aspecto: o económico e humanitário.

Azevedo Coutinho, finda a reunião do conselho, telegrafou para o ministério das Colónias, informando que contrários à emigração para São Tomé eram o director dos Negócios Indígenas, o Secretário do Interior (Moreira da Fonseca), os conselhos de Higiene e Executivo—e *ele próprio*, mas que dissesse o ministro a última palavra; e o ministro (Pereira Leite) disse-a, mandando revogar o decreto n.º 163, do Alto Comissário Brito Camacho.

Azevedo Coutinho, recebida esta ordem, fugiu para os distritos do norte, sem saber o que fazer: Se resistia às ordens ministeriais, teria que dizer adeus à posta; se cumpria o que lhe mandavam, abria-se um divórcio mais profundo entre a colónia e ele, teria de espelhar o voto das estações oficiais e o dele próprio.

Atormentado, mas prezando mais a barriga do que a consciência e os interesses de Moçambique, do norte resignou-se a dar ordem para se elaborar um decreto revogando o n.º 163, e um *modus vivendi* regulando a emigração para São Tomé.

As seguintes associações: Câmara do Comércio, Comercial dos Lojistas, do Fomento Agrícola, dos Proprietários, dos Velhos Colonos, dos Empregados do Comércio e Indústria, estavam para representar ao ministério contra a acção administrativa de Azevedo Coutinho; mas, sabendo da ordem ministerial e porque eram contrários à acção para São Tomé, praticaram o acto nobre de remeter ao Alto Comissário cópia do telegrama que tencionavam enviar ao ministério, comunicando-lhe que *sobreestavam no seu intento*, conscientes de que Azevedo Coutinho intransigentemente se mantivesse no ponto de vista de se não permitir a emigração; e, porque é um documento de alto valor o telegrama que essas associações tencionavam remeter aos poderes centrais, vamos arquivá-lo nas colunas de *A Batalha*:

«Alto Comissário — Rebocador «António Enes» — Associações: Câmara do Comércio, Comercial de Lojistas, Fomento Agrícola, Proprietários, Empregados de Comércio e Velhos Colonos, reunidas conjuntamente pensaram unanimemente em expedir para a Metrópole o telegrama seguinte: «Associações vêm pedir providências tendentes à entrada da vida administrativa e económica da colónia no bom caminho, visto terem perdido as esperanças de obter tais providências do Alto Comissário, cujo governo tem sido ora de inação, ora dum série de actos prejudiciais ao presente e futuro da colónia, de que tem resultado o problema cambial estar por resolver e agravado; da tentativa do abaixamento da taxa cambial resultou o seu enorme agravamento, o aumento excessivo das despesas públicas improdutivas, o fornecimento de cambiais exclusivamente ao funcionalismo, a criação de serviços desnecessários ou dispensáveis neste momento; a falta absoluta do estudo dos problemas vitais e as numerosas providências para aumento da produção e administração económica do porto e caminhos de ferro e outros serviços».

Sináticos pedem a abolição do Conselho Executivo e a reforma imediata do Legislativo com maior representação dos interesses económicos, sem maioria de funcionários.

Protestam energicamente contra a continuação da actual falta de programa do governo, pedindo um que tenha como primeiro objectivo a solução do problema cambial e o progredimento económico, dentro dos actuais recursos do orçamento, o que é possível.

Note-se — Azevedo Coutinho recebeu este telegrama e não se meteu pela terra abaixo. Continuou a deglutir:

Em 6 de Outubro regressou a Lourenço Marques. Estava pronto o *modus vivendi* da emigração para São Tomé, acatando ao menos os interesses dos indígenas, visto não ter sido possível acatá-los os interesses da colónia; como, porém, o ministro (Pereira Leite) tivesse deixado o ministério, e já não houvesse receio de ser chamado a Lisboa por não ter obedecido como o servo ao dono, — Azevedo Coutinho adiou, *sine die*, a assinatura do referido instrumento, mantendo-se intransigente nos seus pontos principais, em discordância com o delegado custeado pelos roceiros de São Tomé e Príncipe.

Em 11 de Novembro, rebenuto, porém, o conflito ferroviário entrando todas as classes em luta declarada e irreductível com Azevedo Coutinho; e, no dia do embarque do representante dos roceiros, quando este já não supunha possível qualquer acordo, o «Nero do Moçambique», tendo a acção do referido representante junto da imprensa e do ministério, visto que se tratava de um jornalista e dum político que não calaria toda a vergonhosa e nefasta obra de Azevedo Coutinho—mandou retirar do projecto de *modus vivendi* as cláusulas mais valiosas, e assinou tudo quanto quis o delegado do governo central custeado pelos roceiros.

Uma capitulação vergonhosa e miserável — tudo para se segurar à posta, tudo para lhe não perturbarem a digestão, porque se é fácil a Azevedo Coutinho rasgar garantias constitucionais, amordaçar a imprensa de Moçambique, prender, deportar, proibir a transmissão de despachos telegráficos, mover processos disciplinares aos que estão longe e não pode trancar em masmorras — não poderia calar a boca do negociador da emigração para São Tomé, a última hora, a todo quanto lhe exigissem; e submeteu-se, assinando o *modus vivendi* que as notas oficiosas dizem já ter sido aprovado em conselho de ministros.

Vamos agora às três cláusulas que acima registamos:

Repatriamento obrigatório — Informam-nos que no projecto de *modus vivendi* se estabelecia um depósito, cautionando a obrigação de repatriamento. Ora essa garantia da regular execução do repatriamento — desapareceu, o que transforma a disposição em obrigação platónica. Também pelo regime anterior a 1921, havia o dever de repatriar; e viu-se que não foi cumprido estando ainda hoje, em São Tomé, ao que nos informam, cerca de 15 mil indígenas moçambicanos.

Logo, o Alto Comissário, não mantendo a exigência de uma caução, conscientemente assinou uma disposição que o passado não diz não será rigorosamente observada. Depois, se os roceiros tencionassem observá-la com rigor (salta aos olhos) ter-se-iam sujeitados a prestar caução, certos de que a não perderiam.

Salários — Foram estabelecidos salários de 50\$00 mensais. Repare-se, porém, que as juntas de trabalho fixaram, ha tempos, para os indígenas empregados nos trabalhos agrícolas, o salário de 15 shillings, no distrito de Lourenço Marques; e que apesar disso, os agricultores que pretendem manter sempre o mesmo volume de mão de obra, pagam os salários mensais de lib. 1-0-0 e até de 25 shillings.

Quere isto dizer que o preto pobre deixa a sua terra, o seu clima, para ir a São Tomé ganhar dois terços ou metade do que ganharia no distrito de Lourenço Marques onde há uma falta de braços pavorosa.

Faz-se esse sacrifício dos pretos em favor de Moçambique? Não. Faz-se em benefício dos roceiros de São Tomé e Príncipe, esses pobresinhos que amontoam milhões.

Aplicação, findos os actuais contratos, das cláusulas do modus vivendi aos indígenas moçambicanos existentes em São Tomé e Príncipe — Saiba-se, para que ao pelo-urinho de opinião publica seja arrastado o alto comissário Azevedo Coutinho, — que no projecto de *modus vivendi* se incluía a garantia de imediatamente se aplicarem às suas cláusulas aos indígenas de Moçambique que abusivamente têm estado e ainda estão retidos nas ilhas de São Tomé e Príncipe, — e que tal disposição foi mandada retirar pelo «Nero de Moçambique».

Deu isso em resultado que, enquanto os indígenas moçambicanos que agora vão emigrar, levam o salário mensal de 50\$00, os outros, milhares de párias que lá estão irregularmente, ficam ganhando, por 30 dias de trabalho, a miséria de 14 ou 15\$00!!!

Foi este crime que Azevedo Coutinho assinou. Foi esta miséria que o conselho de ministros, todo ancho e certamente ignorando estas particularidades que são outras tantas chagas — sancionou.

Há falta de braços na Zambézia, nos territórios de Manica e Sofala, nos distritos de Inhambane e Lourenço Marques. Há agricultores que se arruinam por não conseguirem obter metade ou um terço dos braços necessários às suas exigências; pois Azevedo Coutinho, contra o voto de todos, contra o seu próprio povo (simplesmente para se grudar no lugar) assinou um «modus vivendi» vergonhoso, que só honra o negociador por parte dos roceiros, — onde prodigamente se dão a São Tomé e Príncipe, pouco menos do que de graça, os braços indígenas tão indispensáveis ao progressivo desenvolvimento da agricultura de Moçambique.

Que o Povo veja e medite: — Há milhares de párias moçambicanos, ao serviço dos pobrezinhos roceiros de São Tomé e Príncipe, a ganhar, por mês, 14 ou 15\$00, o que equivale a uma escravidão autêntica, embora disfarçada.

Azevedo Coutinho, no Alto Comissariado de Moçambique, de cantarinha na mão, recolheu 2.199\$00 por dia!!! E não cai uma chuva de diámetras...

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Recêlames

A Companhia Ilda Stichini-Rafael Marques triunfou ontem, novamente, no Apolo, atraindo enorme concorrência ao popular teatro, com a famosa peça «O Conde de Monte Cristo». Rafael Marques, o querido artista, foi quem se encarregou da parte do protagonista, papel em que já o tinhamos visto brilhar, e que, ainda desta vez, continuou a opinião anterior. Dos restantes personagens do emocionante drama encarregam-se, entre outros artistas, Irene Gomes, Mercedes Celeste, Elvira Velez, Elvira Costa, Aurélio Ribeiro, Abílio Alves, Carlos de Abreu, João Calazans, Bramão, etc., colaborando, todos, para que a interpretação, no conjunto, fôsse perfeita. «O Conde de Monte Cristo», que é um drama de situações violentas, e com episódios absolutamente imprevisíveis, repete-se hoje, no Apolo, onde dará um limitadíssimo número de representações, visto que na semana «Santa», que está próxima, irá à scena «O Mártir do Calvário».

Continua a causar sucesso a exibição, no Chiado Terrace, dos surpreendentes «Films», «O pequeno Robinson», 6 partes, por Jackie Coogan. «Como elas nos querem», comédia em 6 partes, e «Leões à solta», aventuras em 3 partes. Segunda-feira estreia do «film» histórico «Isabel Tudor».

E hoje finalmente que se apresenta pela primeira vez ao público de Lisboa o extraordinário fakir Scarha-Bey, aquele que mais sensação tem produzido nos países cultos onde tem exibido as mais assombrosas manifestações de um poder psíquico maravilhoso.

Scarha-Bey dá bem uma nota da potência da sua vontade por exemplo hipnotizando alguns animais apenas com o olhar.

A emissão de ondas electro-magnéticas, apreciada pelo desvio de uma bússola, é uma demonstração que levantou grande discussão nos principais meios científicos mundiais, constituindo por assim dizer uma revelação sensacional, para sábios, para místicos e em geral para toda a gente. Scarha-Bey, que executa nas mais espantosas condições a experiência do enterramento, deixa-se encorcar, ficando suspenso alguns momentos na sua força, submetendo-se ao fogo, apresentando a carne em chamas e faz ainda outras coisas que se podem classificar de milagrosas.

Com a antecipação pode garantir-se uma enorme concorrência hoje, no Ginásio, bastando, para que tal suceda, saber-se que volta à scena a espirituosíssima «Banca à glória». E ela que está batendo o *record* do agrado pelo seu engenho, pelas suas scenas galantes, mágicas e terribes, e também pelo seu primoroso desempenho e apresentação. Palmira Bastos é, todas as noites, alvo das mais vibrantes ovações, pelo brilhantismo da interpretação. E admirável o seu trabalho, em que se reflecte toda a maleabilidade do seu talento. E pela sua parte, Gil Ferreira e Henrique de Albuquerque, nos dois papeis masculinos de maior destaque, dão-lhe todo o relevo, sendo magnífico o seu desempenho. A «Banca à glória» constitui um espectáculo que ninguém de bom gosto deve deixar de ir ver ao Ginásio.

Enchentes repetidas em cada noite, só as conta o Maria Vitória, com a incomparável revista «Foot-ball», a peça mais engraçada da actualidade e a única que se ocupa, criticando os espirituosamente, dos acontecimentos que mais interesse despertam no público. Hoje e sempre o «Foot-ball» repete-se, no Maria Vitória, em duas sessões.

Causou verdadeira sensação o admirável programa do concerto sinfónico de amanhã, domingo, às 3 da tarde, no Ginásio, o qual será o último desta temporada, e em festa artística da Orquestra Portuguesa. Dirigido-o-hão dois maestros Emile Cooper e Fernandes Fão, o primeiro a convite deste, a que o seu colega teve a gentileza de aceder.

O programa é exclusivamente composto por obras inspiradas no talento musical de Wagner, cuja fama avassalou o mundo, tornando a sua obra dissonância de todos os críticos musicais e conquistando o aplauso e a admiração de quantos se interessam pelos assuntos da arte musical.

Para o concerto de amanhã, no Ginásio, os bilhetes têm sido procuradíssimos, deixando prever que o teatro terá nesta «matinée» única e excepcional, uma verdadeira enchente.

TEATRO AVENIDA
Telefone N. 4356

HOJE
O INTERESSANTE
«VAUDEVILLE»

O PAO DE LÓ
o mais delicioso manjar

BREVEMENTE
o «vaudeville»
O doutor da Mula Russa

HOJE HOJE

Protagonista: No Teatro do Ginásio

Palmira Bastos A representação da comédia em 3 actos e 4 quadros

Banca à glória

Original de ALFREDO SAVORI, tradução de JOSÉ SARMENTO

Scenários de Iuy e Almeida — «Máqueles» de L. Barros — Montagens de S. D. S.

Teatro Nacional

HOJE a representação da interessante comédia

AMOR VENCE...

PROTAGONISTA: ESTER LEÃO

Encenação do professor António Pinheiro

Últimas notícias

Uma vergonhosa cabala preparada por Pinto Teixeira

De madrugada comunicam-nos que o administrador geral dos caminhos de ferro do Estado, Pinto Teixeira, informou desfavoravelmente as reclamações dos ferroviários por estas terem sido apresentadas directamente ao ministro do Comércio. Porém, a atitude de Pinto Teixeira tem o fim de provocar um levantamento da classe ferroviária o qual a dar-se serviria para exigir do governo a entrega das linhas ferroviárias do Estado a uma empresa que tomaria para seus dirigentes os srs. Fernando de Sousa, Pinto Teixeira e Plínio da Silva.

Se o governo se prosternar perante o desejo destes cavalheiros uma das mais importantes redes ferroviárias do país deixará de pertencer ao Estado.

Informam-nos também que os delegados ferroviários do Estado logo que lhes seja dada resposta às suas reclamações, convocarão as assembleias magnas da classe a quem darão conta das suas demarches, demitindo-se em seguida a fim da classe, que já nomeou as comissões secretas ao longo da linha, resolver o caminho a seguir.

Como se vê a situação é bastante grave, e oxalá que para servir interesses de Pinto Teixeira o governo não force a classe ferroviária a tomar uma atitude decisiva para defender a sua existência.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Após doloroso sofrimento faleceu ontem o antigo militante do movimento associativo Augusto dos Anjos Rodrigues, funcionário do ministério da Instrução.

Filiado no Partido Socialista, foi vereador da Câmara Municipal de Lisboa e um dos mais acérrimos defensores dos direitos do pessoal menor do Estado, a cuja classe pertenceu.

O seu funeral, para o qual faz convite especial o Grémio Livre dos Funcionários Republicanos, realiza-se hoje, pelas 5 horas da quinta do Padre, ao Arceiro, para o Alto de São João.

A direcção da Associação de Classe dos Empregados Menores do Estado convidou os seus associados a incorporarem-se no funeral de Augusto dos Anjos Rodrigues, sócio fundador daquele organismo, o qual se realiza hoje, às 15 horas, saindo da Estrada de Sacavem, Quinta do Fole, para o cemitério do Alto de São João.

ACREDITA:

Se a natureza geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico só têm um inimigo poderoso

A
NUCLEO
CALCINA

TÓNICO ENERGICO



A ideologia das Juventudes Sindicalistas

Tese de princípios a apresentar ao II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas pela sua comissão organizadora

Os primeiros sintomas

Há mais de cinquenta anos que filósofos, pensadores e sociólogos vinham notando graves sintomas de perturbação social. Estes sintomas traziam a burguesia apreensiva; o mais pequeno acontecimento, que significasse um protesto contra a autoridade estabelecida, era—como ainda é hoje—um forte pretexto para uma repressão brutal.

Os sintomas que se observavam, que se sentiam, e que se traduziam em incidentes, tumultos, revoltas, um mau-estar social cada vez mais influente, enchia de esperança os revolucionários, cujo melhor número se encontrava nas falanges anarquistas. E essas esperanças eram tão profundas que se murmurava: «a Revolução Social está próxima, a burguesia treme».

Por seu turno sentindo a iminência de graves acontecimentos, os filósofos, os pensadores, os sociólogos faziam numerosas hipóteses, demoravam-se em investigações, elaboravam largos estudos. Todo este trabalho foi admirável, assente em bases lógicas, e a sua influência de tal ordem que conseguiu espalhar e levar a todos os espíritos a ideia anarquista. A própria burguesia se sentiu empolgada por este formidável trabalho; deixou de considerar os anarquistas como doidos varridos, criminosos tarados, e passou a temê-los tanto que deixou de contestar as suas doutrinas, passou a persegui-los com fúria, com aquela fúria de quem sente fugir o terreno de baixo dos pés. Os anarquistas passaram a ser o pesadelo dos burgueses.

Mas em todo o trabalho a que nos referimos, há um erro fundamental, tão formidável como o próprio trabalho. Há estudos sobre história, sociologia, etc. Mas todos esses livros não encaram os acontecimentos, não nos deram uma ideia dos factores da Revolução Social, nem nos deram qualquer hipótese sobre a maneira como esse extraordinário acontecimento se produziria. Em compensação, há livros admiráveis que nos descrevem, sob hipóteses, o que serão as sociedades futuras.

Em face dos acontecimentos actuais, somos forçados, a pôr de remissa, para os nossos desvotos, todo esse trabalho admirável; vivendo já em plena Revolução Social, não temos hoje um único estudo sobre a sua eclosão, sobre as suas fases. Resultado do erro fundamental dos filósofos, dos pensadores e dos sociólogos, que sentindo os sintomas de graves perturbações, não souberam manifestar o seu verdadeiro carácter e se deixaram tomar pelas ardeências do seu idealismo. O mesmo aconteceu hoje com os homens em relação aos acontecimentos que cada vez mais se precipitam. E' curioso: a mentalidade dos homens é sempre inferior ao mais pequeno acontecimento social: daí a grande confusão...

Fases da Revolução Social

Há já uma dezena de anos que todo o mundo vive em convulsão, que vai abalando incessantemente as sociedades contemporâneas, tudo fazendo prever que em breve elas serão totalmente ou em parte demolidas para darem lugar a novas sociedades sob uma nova civilização, porventura, mais adiantada, mas que não encarnará o nosso ideal.

Mas estes acontecimentos, esta convulsão de agora, deve regosiar-nos, pela larga significação que se pode encontrar. O momento que decorre merece o nosso estudo mais aturado pelo esforço de raciocínio, cuidando não cair em qualquer erro que mais tarde nos perturbe a visão.

A mais cuidada observação dos actuais acontecimentos mostra que vivemos já sob a Revolução Social: simplesmente ela vai na primeira fase, na sua fase política.

Demasiado nos convencemos já que a Revolução não se faz isto é, não é produzida por qualquer partido nem por qualquer organização. A Revolução produz-se por uma série de acontecimentos sempre imprevisíveis e nos quais cada partido, cada organização e cada indivíduo têm o seu papel a desempenhar.

A Revolução Social iniciou-se sem que quem quer que fosse lhe pudesse marcar data: ela seguiu as suas fases, umas vezes mais rapidamente do que outras, conforme se precipitem os acontecimentos, mas a sua marcha será sempre segura. Actualmente, por exemplo, as revoltas dos povos subjugados para a conquista da sua independência como nação, o espírito nacionalista nessas revoltas e até na política de muitas nações, os abalos nos Estados e nos governos, que incessantemente mudam de forma, mostram-nos que o espírito da Revolução Social predomina, apesar do refinamento do militarismo, do imperialismo e da reacção, que pode ser, contudo, uma consequência. E' a Revolução na sua fase política.

As lutas do proletariado pela sua emancipação económica, a defesa de nações contra a concorrência estrangeira, o esforço de cada país em suprir as suas necessidades de consumo, toda essa luta pela vida, pelo bem-estar, pela felicidade, caracterizarão a fase económica da Revolução, e o refinamento capitalista será o reflexo do estado social.

Na sua marcha segura, quando tiverem solução os problemas políticos e económicos, pela queda sucessiva das instituições burguesas, a Revolução encontrará diante de si os problemas sociais e morais. Será então que o anarquismo se estabelecerá solidamente, criando-se uma sociedade que lhe será própria, que não será, contudo, a Anarquia. Outro capítulo trataremos da diferença que há entre Anarquismo e Anarquia.

O anarquismo, por si só, começará resolvendo os problemas morais, iniciando os indivíduos numa vasta cultura, que lhes permitirá o conhecimento da ciência da vida que os levará a abandonar todas as regras de viver que lhes deformam a psicologia, lhes diminuem a vitalidade e os põem tão longe da Natureza.

Eis como pensamos que a Revolução se produzirá. A sua finalidade será ser divina a Anarquia. E na sua marcha para esta finalidade, a luta social será tanto mais violenta e tanto mais curta quanto mais perto essa finalidade se achar.

A efervescência contra a guerra

A convulsão em que a Europa se debate sempre desorientou os homens. Repetem-se os episódios de todos os fenómenos sociais: as esperanças postas longe, os exageros sobre o mais ligeiro facto, principalmente, a inferioridade mental do homem perante os acontecimentos.

Quando as potências se preparavam com fantásticos armamentos para um embate formidável, os socialistas e os anarquistas faziam uma larga propaganda numa greve geral internacional que impedisse o fabrico de munições e o transporte de tropas. Para acreditarmos no êxito de semelhante movimento, seria preciso que começássemos por acreditar na sua viabilidade.

Em 1914 desencadeou-se a temerosa conflagração europeia, tão iminente durante anos. O movimento revolucionário não estava ainda hoje: a greve geral fracassou, se é que foi tentada. E esboçada que ela fosse, não impediria o decurso dos acontecimentos.

O prolongamento da guerra foi cansando os povos. Começou o protesto, desde o murmúrio até à efervescência. Os actos de rebelião multiplicaram-se: no exército inglês era interdita uma canção designada por «do Tipperary», e que era um queixume contra a guerra; nos exércitos franceses houve companhias que marchavam ao assalto sob a ameaça das próprias metralhadoras. Ainda bem nos recordamos da deserção de duas divisões completas do exército italiano em face do ataque dos austríacos que, por este facto, conseguiram ocupar algumas províncias italianas.

Onde a excitação contra a guerra tomou o aspecto de revolta foi no exército russo. Este exército era mal armado e mal alimentado: havia uma espingarda para quatro soldados e todos eles se tinham de valer do acaso das batalhas para conseguir alimento. Nos assaltos, a maior parte dos soldados russos ou morriam inglório, como condenados, ou tinham de aguardar que um camarada seu caísse no campo para se apossar da sua espingarda e prosseguir no combate.

O povo, no interior do país, sentia mais do que nenhum outro a desgraça que a guerra trazia a todos. A efervescência contra a guerra interminável aumentava, indo pouco a pouco tomando o aspecto de revolta. Este vento de rebelião alastrou até às frentes de batalha e, sempre, inesperadamente—o povo é sempre um mistério para os que se colocam acima dele—quase todo o exército russo volta costas ao inimigo e marcha tranquilamente sobre Petrogrado, contente por terminar o próprio a guerra.

Este facto foi como um rastilho incendiado: imediatamente começaram as explosões. Na Alemanha a efervescência contra a guerra não era menor: todo o povo estava farto do pão KK fabricado com substâncias químicas, e das batatas químicas, de toda a alimentação artificial que matava ou arruinava famílias inteiras. Os marinheiros de Kiel revoltam-se, desembarcam a exigirem a paz; o povo secundou-os, confundiu os seus gritos com os dos revoltosos. O clamor vai até às frentes de batalha: na França e na Bélgica, subitamente, os soldados alemães recuam, recuam sempre, e como os russos, vão para o seu país largar as armas. A paz é feita—e que paz?... Nações que se julgavam vitoriosas arranjaram um tratado tão complicado que raro se cumpriu: a guerra teve uma terminação aparente, imposta pela vontade popular. Ainda hoje a guerra se incendia por todo o mundo: nessa guerra germina a Revolução, que vai realizando a sua obra progressivamente, seguramente. Ao mesmo tempo que a guerra das potências—a guerra social. (Continua)

Uma conferência sobre horário de trabalho

Uma comissão delegada do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa procurou ontem o Governador Civil com quem conferenciou sobre a falta de cumprimento do horário de trabalho.

O dr. Barbosa Viana prometeu facilitar àquele organismo todos os meios para que o horário de trabalho seja respeitado e dar as necessárias instruções nesse sentido.

CRISE DE TRABALHO

Classes metalúrgicas

A comissão de melhoramentos do S. U. Metalúrgico de Lisboa entrevistou em 10 do corrente o ministro do Comércio sobre a situação dos operários metalúrgicos em face da crise de trabalho que muito tem afectado as classes metalúrgicas, apresentando-lhe uma série de reclamações escritas, em documento da Federação Metalúrgica.

O ministro declarou que iria ver o que seria possível fazer-se no sentido de facilitar trabalho à indústria particular.

A comissão convidou todos os metalúrgicos sem trabalho que ainda não se inscreveram a fazerem-no na sede do Sindicato, todos os dias, das 20 às 22 horas, a fim de se efectuar uma reunião especial para tratar da crise de trabalho.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Este organismo faz sciente a todos os operários inscritos sem trabalho que, para conveniência de serviço, vai fazer nas próximas 2.ª e 3.ª feiras, às 10 horas, duas chamadas dos operários inscritos.

Terminado este prazo, os que faltarem perderão o direito à altura em que estavam, tendo que inscrever-se novamente.

Ocorrências diversas

Na enfermaria de Sto. Onofre, do Hospital de S. José, faleceu, ontem, Leonel Rodrigues, de 30 anos, carceiro, residente no pátio do Quintalinho, 7, ao Beato, o qual, como noticiámos, caiu, no dia 9.º último, da carroça de que era condutor em Moscavide, tendo fracturado a coluna vertebral.

UM DEVER DE SOLIDARIEDADE impõe-se a todos os operários em auxílio dos presos por questões sociais

Hoje, sábado, nenhum trabalhador se esqueça das amarguras que recaem sobre existências tão dignas de carinho. Contribuir, pois, com uma pequena quantia que, junto a outras, possa diminuir as privações dos operários presos é praticar um admirável acto de solidariedade, é patentear o anseio pela liberdade dos seus camaradas.

Ainda o desastre ferroviário de Belém

Uma carta do praticante João Serra

Com o pedido de publicação recebemos a carta que a seguir reproduzimos:

Sr. redactor.—A v. me dirijo, na certeza de que serei bem acolhido, como aliás é norma do vosso jornal quando se trata da defesa dos oprimidos.

O meu caso, senhor redactor, é o de um infeliz praticante da Sociedade Estoril preso como responsável do desastre ferroviário de Belém, ocorrido em 19 de Agosto de 1924.

Deste desastre foram presos três ferroviários, que estavam fazendo serviço na estação de Belém.

Eram eles, o agulheiro António Santos, já falecido, que esteve preso oito dias e que, por não se ter provado a sua culpabilidade, foi restituído à liberdade; o factor de 1.ª classe Edgar da Silva, que exercia as funções de chefe da estação, na ausência do respectivo chefe Celestino Pereira da Silva que se encontrava de licença; e eu, praticante, à data do choque.

O factor, como prestasse a fiança de 50.000\$00 (cinquenta contos) que foi a que nos arbitraram, conseguiu sair em liberdade depois de estar preso perto de 1 mês.

Eu, tendo também arranjado um fiador, que se prontificava a fiançar-me, o dr. sr. Ribeiro de Melo, juiz do 4.º Juízo de Investigação Criminal, obedecendo a um estranho critério, entendeu por bem não o aceitar. Por este motivo, só eu me encontro preso, há cerca de 2 anos, sem que contudo cheguei ao ansiado momento de se apurar quem foram os verdadeiros responsáveis.

Chego a supor, sr. redactor, que a justiça em Portugal deixou de existir! Se a uma vítima de um erro judiciário, tarda tanto o momento da reparação, agora ao fim de tão longo tempo, surge mais um exame médico, desta vez a uma perna de uma das vítimas. Quere dizer, se este curativo levar por exemplo 5 anos, igual tempo tenho que esperar para ir responder. E' espantoso, sr. redactor! Actualmente, tenho 23 anos, e a continuar com a morosidade que o processo tem levado até aqui, só com cabelos já brancos irei a julgamento. A acrescentar a tudo isto, o desgosto que dia a dia consome minha pobre mãe! A v. sr. redactor, me dirijo, para que por intermédio do seu jornal faça chegar ao sr. ministro da Justiça este meu brado de justiça, para este acto de verdadeira Inquisição. De v. João Gomes Serra, ex-praticante da S. E. Limoeiro, Grupo A.

Ainda a semana de "A BATALHA"

Já depois de encerrada a semana de A Batalha, recebemos os seguintes donativos:

Da Associação dos Manipuladores de Pão, a importância de 18\$25 referente a 5 gérais para o Apolo e de que se não utilizou; de Francisco Pombinho, Seixal, um alfinete de ouro e uma moeda de prata de \$50; da Associação de Classe dos Maquinistas Fluviais, a quantia de 50\$00, para adicionar à receita da quermesse.

Professor ou professora

Para aulas nocturnas de instrução primária, precisa-se. Trata-se na administração deste jornal.

CONFERÊNCIAS

"Centenário de Camilo"

Na próxima terça-feira, 16, dia do aniversário de Camilo, realiza-se na sede da Universidade Popular Portuguesa uma conferência comemorativa pelo dr. Ludovico de Meneses, sob o título «Camões e Camilo considerados como dois aspectos da nossa nacionalidade».

Secção Telegráfica

Federações

MOBILIARIA

Mobiliários de Coimbra.—Chamamos vossa atenção para o officio que segue.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Setúbal.—Recebemos officio e segue resposta.

Núcleo de Graça do Divor.—Idem.

Núcleo de Gouveia.—Recebemos officio acreditando o delegado ao conselho.

Secção Federal do Norte.—Segue officio com o vosso débito.

ARTIGOS ELECTRICOS

Novas tabelas com preços actualizados CASA PALISSY GALVANY Rua Serpa Pinto, 15

SOLIDARIEDADE

Um grande festival em favor das famílias dos presos sociais

E' já no próximo dia 27, que se realiza a grandiosa festa no Ajuda-Club, a favor das famílias dos operários presos. Elementos de grande valor já deram a sua adesão, destacando os apreciadíssimos amadores do Ajuda-Club e Grupo Solidariedade Operária, que levará a scena uma peça de grande actualidade.

Pró-Manuel Carvalho

A comissão pede aos camaradas que se encarreguem da passagem de bilhetes, a fim de virem liquidar os mesmos, hoje, das 20 horas em diante, na sede do Núcleo da Juventude Sindicalista, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Comité pró-presos

A fim de tratar de um importante assunto reúne na próxima segunda feira, pelas 18 horas, o comité pró-presos.

Pró-António Nunes Canha

No Salão de Festas da Construção Civil realiza hoje, pelas 21 horas, uma grandiosa festa em homenagem a António Nunes Canha, que se encontra preso há três anos.

Subirá a scena o drama «Gaspar, o Serenheiro», cujo desempenho está a cargo do grupo dramático Solidariedade Operária.

Nos intervalos serão sorteados, em favor de Nunes Canha, os seguintes objectos: uma bolsa de prata com um franco e uma máquina de barbear com assentador e lâminas.

Presta também o seu concurso à festa a tropa familiar «Os Bichinhos», sob a regência de Mateus Meleças.

Pró-pessoal da Fábrica Vulcano

Tendo ficado fora da fábrica Vulcano, por motivo da última greve, 44 operários que não quiseram sujeitar-se a uma ignóbil baixa de salários, e sendo a sua situação das mais precárias, comissões desses camaradas percorrerão hoje as diversas fábricas metalúrgicas em laboração, a fim de angariarem donativos que lhes permitam minorar a miséria que invade os seus lares.

A comissão previne todos os ex-operários da casa Vulcano de que na próxima segunda-feira, pelas 10 horas, fará a distribuição dos donativos.

Auxiliar quem tão nobremente soube impor-se contra a rapina dos industriais e em defesa dum tão cara regalia é bem digna da solidariedade.

Que nenhum metalúrgico deixe de contribuir!

A adjudicação do Teatro Nacional

Pelo ministério de instrução foi ontem fornecida à imprensa a seguinte nota officiosa:

«Na reunião do Conselho Theatral, ontem efectuada, foi, por unanimidade, resolvido que se apresente ao sr. ministro da instrução um parecer, no sentido de que o regime preferível para o Teatro Nacional Almeida Garrett é o da administração por conta do Estado.»

AJUDANTE DE FORÇA

PRECISA-SE Rua das Taipas, 10.

A greve dos ferroviários de Lourenço Marques

Um protesto da U. S. O. de Evora contra as atrocidades do Alto Comissário de Moçambique

A comissão administrativa da União dos Sindicatos Operários de Evora dirigiu ao ministro das Colónias um officio, cuja cópia nos foi enviada acompanhada do pedido de publicação:

Ex.º sr. Ministro das Colónias.—O conselho central da União dos Sindicatos Operários de Evora, reunido em 6 do corrente, com a assistência de todos os delegados dos organismos operários desta cidade incumbiu-nos de officiar a v. ex.ª protestando contra as barbaridades de que têm sido vítimas, por parte do Alto Comissário de Moçambique, sr. Azevedo Coutinho, os ferroviários de Lourenço Marques actualmente em greve, os quais foram amarrados e metidos completamente nus nos célebres vagões-fantasma.

Em nome do operariado desta cidade rogamos a v. ex.ª que mande cessar imediatamente todos esses barbarismos que nos envergonham e demita sem demora o actual Alto Comissário de Moçambique, único autor desses desmandos e da suspensão de garantias, na província de Moçambique.

Com os protestos da nossa consideração vão as nossas saudações fraternais.—Pela comissão administrativa da U. S. O. de Evora o seu secretário geral, Joaquim Alves Barro.

INTERESSES DE CLASSE

A desmoralização nos serviços ferroviários do Sul e Sueste

Todos nós sabemos que um dos factores principais para o desenvolvimento dum empresa industrial, é o aproveitamento da oportunidade, divisão de trabalho e uma boa organização de contabilidade; não falando noutros agentes. Analisando cada factor de per si, nós vemos que nos Caminhos de Ferro do Estado, não existe divisão de trabalho, não se trabalha com oportunidade, nem tão pouco há uma boa organização de contabilidade. Portanto, é uma empresa que caminha para a sua falência.

E' necessário, que as classes organizadas comecem a pensar na socialização da industria levando para a sua frente administradores que possuam qualidades de modo que as industrias do Estado não sejam uma creche de políticos falidos de intelligência e de saber.

Começando pelos serviços centrais, isto é, pelos serviços da Administração Geral, encontramos graves deficiências, provenientes de, frente dos serviços, não se encontram um indivíduo idoneo para o desempenho do lugar.

Não é com a prática de comandar vagões J. e L. e com as habilições exigidas a qualquer factor da Companhia Portuguesa, que se vai superintender nuns serviços tão complexos como são os da Administração Geral. Precisamos de trazer para os serviços centrais, homens com competência, homens com conhecimentos, homens que se imponham pelo seu saber, pela sua intelligência e pela sua rectidão. Temos isso nos Caminhos de Ferro?

Embora não nos movam más vontades, seja contra quem for, simplesmente estamos a fazer uma análise fria e imparcial. Por exemplo: tem o senhor Barbosa envergadura para ocupar o lugar que está a desempenhar?

Bem entendido que não. E' um chefe de secretaria que não conhece assuntos de secretaria, e de contabilidade que não sabe contabilidade, de modo que daí vem a barafunda e a falta de autoridade proveniente da falta de competência. Está claro, que para substituir a falta de conhecimentos, teve este senhor desovarvar em litarotoparado, começando a emendar todo o expediente, pondo em português mascarado o que está em bom português.

Dal, vem a multiplicação do trabalho e portanto a desorientação. Assim tem a classe a ferroviária nos serviços centrais um Napoleão de via reduzida que só sabe perseguir o pessoal. Se bem que neste lugar devia estar um homem com vastos conhecimentos, nós vemos um senhor Barbosa Pitta.

Passou por este lugar o engenheiro Fernando de Sousa, que a pesar-de o não conhecermos, nem tão poucos estamos de acordo com as suas ideias políticas nem religiosas não podemos de achar cómico e ridículo de ver ao mesmo nível de competência o incompetente senhor Barbosa.

Desajávamos ver um secretário que fosse secretário, um indivíduo com a autoridade suficiente para não deixar pagar por antecipação carnis, como aconteceu com a Mecheville, pagamento que se devia efectuar a prazo e, portanto, um prejuizo para a administração, desajávamos ver um secretário que tivesse força para se opor a contratos que não tinham razão de se efectivarem, como seja a de um segundo officio para chefe de secção, havendo chefes de secção adidos, e em contrar um engenheiro maquinista para a construção do Sul e Sueste, quando o serviço de estudos e construção não tem máquinas. Por estas pequenas coisas, já o leitor vê como estão orientados os serviços.—Escalpo.

O indiferentismo dos operários portugueses do mobiliário

Está convocada para o p. f. dia 31 uma reunião de militantes e amigos do S. U. Mobiliário do Porto, para se concertar na acção a desenvolver de forma a combater no nosso meio todos os males que nos afectam.

Há já aproximadamente um ano que o autor destas mal alinhavadas linhas lembrou a alguns membros da C. A. de então, a conveniência de fazer reunir todos os camaradas e amigos do Sindicato para se assentar na maneira de fazer despertar os eternos adormecidos trabalhadores do mobiliário. Por motivos que desconhecemos tal convocação nunca se fez.

E' necessário dizer-se que de há tempos a esta parte o Sindicato Mobiliário do Porto vem atravessando uma crise das mais agudas porque tem passado.

E, especialmente no Norte, na industria mobiliária, essa crise faz-se sentir bastante devido à avalanche enorme de mobiliários não organizados.

Em Grijó, Arintes, Valbom, Fanzeres, Rebordosa, etc., etc., há, sem exagerar cerca de 3.000 a 4.000 operários que desconhecem o que é organização; e no Porto, 75 % do mobiliários não são nem nunca foram sindicalizados.

Em meados de 1923, no Sindicato do Porto existiam, quando muito—500 sindicalizados, isto é, a quarta parte dos mobiliários em laboração. Lê-se e pasma-se sabendo-se que o ano de 1923 foi um dos que, quasi todos os organismos sindicais contavam o maior número de filiados. Mas... dir-nos-hão. 2.º E' lá possível que no concelho do Porto, um dos principais centros de mobiliário da região portuguesa e um dos locais onde mais se tem intensificado o espirito revolucionário, é lá possível, diziamos, que os operários mobiliários estejam tão alheios à organização?

Nós dizemos: E' porque, àquem de 1920, data em que foi fundado o Sindicato Unico dos Operários da Industria do Mobiliário do Porto, as suas comissões administrativas não têm podido corresponder aos interesses da classe como era para desgrace.

Sabemos perfeitamente que os operários mobiliários do Porto vivem num grande indiferentismo, mas isto não obsta a que as direcções façam sentir—pelo menos—que se interessam pelo bem-estar dos operários que representam. Não. Pelo contrario. Nós somos dos que optam pela constante convocação de assembleas magnas para que, pelo menos, se reúnam os militantes e entre estes se discuta algo de proveitoso para o bem estar geral.

Julgo que a C. A. apresentará trabalhos concludentes de forma a que os militantes e amigos do sindicato que à mesma concorreram possam apresentar as suas opiniões, e,

Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Manufactureiros de Calçado.—A assembleia geral às 21 horas.

DIAS PROXIMOS

Sindicato Unico Metalúrgico.—Reúne na próxima segunda-feira, pelas 20,30 horas, a comissão administrativa.

Encadernadores e Anexos.—Reúne em assembleia, no dia 17, pelas 20,30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º, Relatório do delegado ao Congresso Gráfico e Confederal; 2.º, Relatório e contas da direcção de 1925; 3.º, Nomeação dos corpos gerentes para 1926; 4.º, Assuntos vários.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo do Porto—Secção dos Manipuladores de Pão.—Em assembleia geral, entre outros assuntos, decidiu-se iniciar a maior propaganda da escola que esta secção sustenta, a fim de a tornar concorrida do máximo número de operários. Nomeou-se uma comissão que se encarregará de adquirir uma bandeira para esta secção.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Federação Rural.—Reúniu a comissão administrativa que deu despacho a vários expedientes e tratou largamente de vários assuntos de interesse colectivo que serão apreciados na reunião de amanhã do Conselho Federal.

Apreciou largamente e aprovou o relatório moral do delegado que foi a Cabeção em missão de propaganda.

Um grande desastre

Realiza-se hoje o funeral da vítima do desabamento de anteontem

No Instituto de Medicina Legal, realizou-se ontem a autópsia judicial no cadáver de Pedro dos Santos, aquele pedreiro que, como largamente noticiámos, foi vítima de um andame que anteontem desabou na rua Câmara Pestana. O seu funeral realiza-se hoje, saindo daquele Instituto, pelas 15 horas, para o cemitério Oriental.

Dos três feridos, vítimas do mesmo desastre, que se encontram internados nas enfermarias do hospital de São José, é satisfatório o seu estado.

A arte e os artistas

A exposição de Joaquim Lopes na Sociedade de Belas Artes

Não permitiram os meus afazeres visitar logo no seu início, como desejava, a exposição que o pintor português, sr. Joaquim Lopes, abriu na Sociedade Nacional de Belas Artes. E uma viagem urgente ao norte do país só agora me deu uns minutos de folga para exprimir, embora tardiamente, a minha opinião acerca do artista e da sua arte. Mas a exposição de Joaquim Lopes é um acontecimento digno de menção, motivo por que a pesar-de fora de horas, aqui se lhe deixa a referência merecida.

Não está Joaquim Lopes absolutamente integrado nas modernas correntes artísticas—mas é, pelo temperamento e pela idade, um novo. Sentindo-se pesar na sua maneira algo das muitas receitas pictoriais que os padres mestres ensinam nas academias officiaes nota-se, entretanto, na técnica já bastante pessoal, na forma de ver os assuntos e na construção dos seus quadros mais pequenos, que são os melhores, uma forte tendência para alcançar um estilo sintético e moderno.

E' curioso o contraste que em alguns dos seus quadros se verifica—principalmente nuns que se intitulam «Searas», salvo erro. Os longes são feitos a pincelada larga e energética, ao passo que os primeiros planos sensivelmente inferiores pecam pelo amaneirado da técnica mais próprio de um artefacto do que dum artista.

E' nas telas da cidade do Porto (Praça Nova) que Joaquim Lopes se afirma um pintor de admiráveis recursos. A visão do ambiente, o carácter local, a simplicidade da maneira, o desenho e a harmonia da cor atingem aí o máximo que o pintor português, em nossa opinião, conseguiu obter.

Pela facilidade com que o artista se move dentro dos velhos moldes da pintura e pela agilidade notável do seu pincel, parece-nos que Joaquim Lopes está apto a tentar vãos mais altos e mais modernos em arte.

A sua técnica segura resiste já aos seus caprichos de inovador—caprichos que a sua mocidade deve sonhar numa ansia natural de renovação.

Estimamos que numa futura exposição ele nos apresente uma arte mais da nossa época, porque encontra em si recursos para realizá-la.

Tal como se apresentou, Joaquim Lopes é incontestavelmente um dos melhores pintores